

JUVENTUDES EM SITUAÇÃO DE TRAFICO DE DROGAS, IMAGENS DO MEDO: Cidadania As Aversas.

Marcondes Brito da Costa ¹

RESUMO:

Este artigo tem como proposta de reflexão a relevância que a mídia possui no processo de construção e massificação de imagens sobre a violência em Teresina, e principalmente a violência produzida pelo tráfico de drogas. Essas imagens em sua maioria reproduzem noções e discursos criminalizantes, bestializantes, que defendem e justificam por si só a violência contra esses jovens criando e massificando estigmas e, tentando apagar as outras características que faz dos jovens humanos como quaisquer outros. É, na realidade, um olhar do outro sobre os jovens, uma identidade atribuída. Tal artigo faz parte de pesquisa de mestrado realizada durante os anos de 2009 a 2010, esse artigo, analisa os jornais escritos, e programas televisivos, bem como os discursos juvenis sobre o que é escrito e difundido sobre eles, como se vêem e se pensam. Entendendo a cidadania enquanto categoria que nos permite acessar aos direitos convém nos pensar os estigmas como uma anti-cidadania.

Palavras-chaves: Mídia; Violência; Juventude.

ABSTRACT

This article has the proposal to reflect the relevance that the media has in the process of construction and massification of images with respect to those poor young involved in drug trafficking in Teresina, mainly pictures criminalizantes, bestializantes who defend and justify itself violence against these young people and creating stigmas and massifying, trying to erase the other features that makes the young humans as any other. It is, in fact, a look of other person to young people, an identity assigned. This article has been part of a master's research developed during the years 2009 to 2010, this article examines the newspapers written and television programs, as well as the youth speeches about what is written and disseminate about them, who them look and imagine themselves up. We understanding citizenship as a category that allows us to access rights, should we think the stigmas as an anti-citizenship.

Keywords: media; violence; youth.

¹ Cientista Social, Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí, Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Professor do Instituto Federal do Piauí-IFPI-Campus São Raimundo Nonato. Pesquisa Juventude, Identidade, Estado, Violência e Tráfico de Drogas. Marcondes.brito@ifpi.edu.br.

Para início de conversa: tateando o mundo ou dialogando com autores.

Gostaria de pontuar que nesse curto percurso que apresento, trago algumas reflexões construídas durante trabalho de dissertação de mestrado ainda em realização, com pesquisa de campo realizado durante os meses de Maio de 2009 à Janeiro de 2010, em vilas e favelas de Teresina, capital do estado do Piauí, onde além de entrevistas com jovens traficantes, também foi feita observação sistemática em algumas dessas comunidades e suas bocas de fumo.

Faz-se mister antes de iniciar um trabalho, dialogar com suas categorias teóricas, nesse sentido, a categoria juventude assume nessa período em que vivemos, dimensões fluidas e híbridas, de caráter fragmentado, instável, calcados em outros territórios, não apenas territórios sólidos, mas também territórios fluidos, incertos, reterritorializados por motivos de segurança, sociabilidades, conflitos e rotas de fugas e também de encontros, construídas pelos jovens e percebidas durante a pesquisa de campo realizada de maio de 2009 a fevereiro de 2010, na busca incessante dessa realidade que cerca os jovens e com eles estabelece um canal de diálogo semiológico com o mundo, através dos sentidos que estabelecem, de significância de virilidade, crime e poder, estabelecidos por essa relação com o tráfico de drogas. Possibilidades de confronto de diferenças, significações e representações: foi esse conjunto diverso de construções que me permitiu partilhar durante a pesquisa de campo, para tentar me situar e aos jovens nesse emaranhado de possibilidades.

Silva (2007, p. 144) nos traz um bom aporte para compreender o processo de construções de juventudes quando nos diz que:

[...] “juventude” não está dada, mas só ganha existência concreta no estreito e imediato diálogo com a realidade que a cerca e segundo, **que múltiplas juventudes povoam os cenários das sociedades contemporâneas** (SILVA, 2006). Portanto a tarefa de compreender **as juventudes** impõe aos estudiosos o abandono de matrizes teóricas fechadas e a adoção de posturas receptivas ao diálogo com referências diversas que, articuladas, potencializem o propósito de entendimento substancial das mesmas.” (grifos da autora)

Há também uma perspectiva elencada no imediatismo, em que o agora passa a ser a mola propulsora da vida e das construções, e as ações advindas desse agora, orientam as dinâmicas sociais, as coisas, suas subjetivações, as pessoas e as relações de reciprocidade vão se tornando obsoletas ao mesmo tempo em que o agora pontua as relações líquidas, fractais e fragmentadas. Essa realidade tem implicado que, os jovens e suas identidades, tornam-se intermináveis. Nas palavras de Canevacci, (2005, p. 29):

Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode percorrer sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único nossa era: as dilatações juvenis. O dilatar-se da autopercepção enquanto jovem sem limites de idade definidos e objetivos dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades.

Nesse sentido de formação agorística, Bauman (2007) ao nos falar de como a vida se processa nesse período que ora denominamos de pós-modernidade, ou modernidade estendida, no entendimento de Giddens (1991), afirma ter a vida se transformado em vida agorística, em que com a perda das tradições, os projetos de futuro se fragilizam, como também Silva (2006, p. 22) se posiciona ao demonstrar em sua tese de doutorado que “os postulados orientadores das práticas e vidas nas sociedades modernas estão em desagregação. Mostram-se insuficientes para gerar as respostas que buscamos, a clareza de procedimentos e a segurança do que esperar em relação ao que se experimenta”.

Gilberto Velho nos ajuda a perceber como essas identidades são constituídas nesse universo fluido de descentramentos e desconstruções, levantando a questão do potencial de metamorfose. Ele nos diz que o

repertório de papéis não só não está localizado em um único plano, mas a sua própria existência está condicionada a essas múltiplas realidades. Com isso, talvez, possamos escapar de falsos problemas ditados por uma visão linear da experiência sociocultural [...] mesmo nas passagens e trânsitos entre domínios e experiências mais diferenciadas, mantêm, em geral, uma identidade vinculada a grupos de referência e implementada através de mecanismos socializadores básicos contrastivos, como a família, etnia, região, vizinhança, religião, etc. A tendência à fragmentação não anula totalmente certas âncoras fundamentais que podem ser acionadas em momentos estratégicos (VELHO, 1994, p. 29).

O mundo moderno não produziu uma única possibilidade de compreensão de identidade juvenil, mas uma diversidade de sentimentos, de posturas, de formas de ser jovem. O que cabe aqui interrogar é sobre o lugar das outras juventudes produzidas socialmente, isso implica na necessidade de refletir sobre o lugar dos jovens a quem resta sobreviver na diferença, ao contrário do sentido naturalizado do que seja experienciar a juventude.

Nesse universo fragmentado e fluido, Silva (2007, p.129) nos mostra como esse processo de pós-modernização pulverizou a idéia temporal de experiência e descronologizou

as temporalidades das vivências, trazendo com isso, impactos nos processos de subjetivação das práticas e ações de realidades e entendimentos:

Para uma realidade dotada de muitas possibilidades, congruente com a noção de tempo imediato, não há espaço e nem papel para a experiência construída ao passar dos anos e no repetir do aprendizado humano. A experiência torna-se um dado sobressalente. O presente, o passado e o futuro perdem a força junto à constituição das narrativas sociais e subjetivas, visto que se assume a postura temporal única, a qual subverte as idéias e lógicas temporais e cronológicas anteriormente existentes, estabelecendo a saturação do tempo real. As subjetividades, influenciadas pelo mundo objetivo, operam um rompimento com os limites do tempo cronológico que orientavam as práticas e os eventos sociais. Lidamos, portanto, com a descronologização da vida, realidade que mudou, definitivamente, a idéia de fases da vida e a forma de vivê-las.

No caso dos jovens em situação de tráfico de drogas em Teresina, que também estão inseridos nesse espaço onde a cidadania é mercadoria, representada por um vestir, um falar e um ter dinheiro para acessar aos códigos semiológicos de inserção nesse mundo. Mas também, o estigma a eles atribuído pelo sistema midiático escrito e televisivo, e pela polícia e muitas vezes o Estado, que não acredita que eles possam ter um comportamento diferente do que o de jovens violentos, criminosos, que devem ser contidos a todo o momento e sobre os quais qualquer tipo de violência, não só é consentido e defendido, mas necessário e justificável, inclusive a morte e as torturas cotidianas, que ninguém sequer busca saber se ocorrem ou não, e em caso de ocorrerem ninguém buscar investigar e sanar, como seria de praxe numa democracia que prioriza a dignidade da pessoa humana. A violência cotidiana a que são submetidos pela polícia e por outros grupos em disputa pelos pontos de venda de tráfico, e também a violência a que submetem suas comunidades em muitos momentos e seus rivais quando lhes convém.

Tráfico de drogas

Demarquei aqui ao trabalhar com a categoria “tráfico de drogas”, que estou me referindo às relações que envolvem a disponibilização mercantil e ilícita de crack e maconha, e em menor percentual, de cocaína que tem cedido cada vez mais espaço ao crack que tem crescido ultimamente de forma colossal em Teresina. Por mais óbvia que possa parecer, tal construção faz-se absolutamente necessária para deixar claro que não se pretende transitar

pelas relações que envolvem drogas como tabaco e álcool, que apesar de também serem bastante consumidas, engendram, devido a sua licitude, relações específicas que exigem investigações próprias e não podem e nem devem ensejar abordagem e nem políticas de intervenção da mesma natureza.

Em se tratando dos espaços onde esse comércio acontece, são ambientes onde a vida é tão volátil como a fumaça de um cigarro de maconha misturada com **merla**, (subproduto da cocaína, pasta comumente misturada à maconha, feita em cigarro e fumada), consumida por vários teresinenses diariamente. Um lugar onde existe o apadrinhamento de muitos por parte do **boqueiro**² e do traficante e uma coação e perseguição àqueles não simpáticos ao traficante e à sua política dentro da favela. Um mundo onde o perigo é constante e qualquer **vacilo** (**erro**) pode significar a morte. Onde a lei do “**não vi**”, “**não sei**” e “**não escuto**”, ainda vigora com uma força e intensidade imensuráveis. Onde o dinheiro, as micro-relações sócio-econômicas e político-afetivas - e não apenas o medo e a coerção - garantem a manutenção do traficante e de seu poder.

Entendendo o mundo do tráfico como um mundo complexo, permeado de micro-relações de poder voláteis e específicas, que podem durar anos ou mesmo acabar da noite para o dia com a tomada da **boca de fumo**³, por outra **boca inimiga** (ponto rival em geral, que luta pela hegemonia da venda de drogas na região). Um lugar onde o sistema legal oficial é muito deficiente e uma das poucas formas de acesso à justiça é através do direito penal, via aplicação de alguma sanção ou das expressões de violência policial. A pouca participação do Estado e a ausência de possibilidades de organização da vida estimula o surgimento de outras formas de manutenção da ordem e controle, além de assistencialismo dos traficantes com suas leis específicas, às quais todos estão submetidos, sejam os que moram lá, sejam os que lá estão ou passam por qualquer motivo.

A fala desses jovens da pesquisa colhida nas entrevistas e em nossas observações de campo, infelizmente, empresta viço a essas análises, narrando, sem subterfúgios, a forma e os momentos em que a sociedade, seguida e continuamente, negou-lhes chances, fechou-lhes

² Personagens diferentes para o tráfico de drogas e para a construção de subjetividades. Enquanto o traficante é o dono da boca de fumo, o boqueiro é, depois do traficante, o mais alto funcionário. Às vezes o traficante também é o boqueiro, outras vezes não.

³ Boca de fumo, local onde a droga que vem de outros estados é estocada, dividida para a venda local ou embalada e distribuída para outras bocas de fumo. Local de micro relações de poder (Foucault, 1997) importante para as construções das identidades em questão.

portas, obstou os caminhos e encurtou seus horizontes. É muito cômodo criticar seu envolvimento e esbravejar rígidas punições sem indagar qual, como e porque uma sociedade exclui, negligencia, vilipendia e acua seus integrantes de tal forma que eles passam a encarar uma atividade criminosa como possibilidade de melhoria de suas condições de vida.

Contribuindo com essa discussão, Zaluar (2004) afirma que as visões conservadoras e unilaterais sobre o universo do tráfico, imbuídas de preconceitos e estigmas, vigoram e são disseminadas pela mídia cotidianamente e contrariá-la, embora pareça ser o mais politicamente correto, não gera votos. Um segundo problema se dá na construção e divulgação massiva de sentidos sobre as juventudes, e especificamente sobre as juventudes pobres, aquelas que estão fora dos processos de subjetivação e absorção pelo mercado de trabalho convencional, fortalecendo os mitos que os circundam, relativos à periculosidade, violências e marginalidades.

Porém essa dinâmica possibilitada pelo tráfico traz muitas conseqüências para as vidas dos jovens, entre elas, procura manter estas pessoas sob o seu controle. As festas por ele patrocinadas, a distribuição de remédio, comida e até eletrodomésticos são estratégias para criar uma relação que aparentemente pode ser considerada como amigável, perde seu disfarce quando se percebe que o vínculo prevê a obediência cega e castigo severo para aqueles que não o seguem.

É refletindo sobre o contexto acima exposto, que Soares (2000) destaca as conseqüências do comércio de drogas para as comunidades pobres do Estado do Rio de Janeiro. A partir de dados empíricos e observação participativa, o autor afirma que:

o tráfico provoca um assustador número de mortes, dos homicídios dolosos que ocorreram em 1992 na “cidade do Rio de Janeiro, cerca de 65 % apresentavam alguma vinculação, direta ou indireta, com o tráfico de drogas”, ocorre um processo de desorganização da vida associativa e política das comunidades, uma vez que o domínio criminoso na favela manifesta-se no controle, direto ou indireto, sobre as organizações civis locais. As comunidades passam a ser subordinadas pelos criminosos que lidam com o comércio de drogas; a pobreza e os pobres são estigmatizados, porque os bairros populares são vistos como fontes do mal pelos indivíduos que não moram nesses ambientes; o tráfico é fonte de outras atividades criminosas, como o tráfico de armas (SOARES, 2000, p. 267- 273, grifos do autor).

Um ponto merece destaque, para nossa análises em Teresina, é necessário um pouco de cautela epistemológica, pois a realidade analisada por Soares(2000) e Zaluar(2008) são as realidades do Rio de Janeiro, onde as relações do tráfico ganham tamanha dimensão, que se modificam e se transmutam com uma rapidez fluida e alarmante modificando rapidamente as

relações em seu entorno, porém com uma lógica global, pelo próprio processo histórico de suas constituições, de seu percurso histórico e das (não)ações do Estado para modificar essa relação, empurrando os pobres sempre para longe de qualquer tipo de política, seja de urbanização, social ou de assistência . Aqui ainda notamos, em nossas observações de campo e com as entrevistas e vivências pelo menos duas constituições de tráfico, quais sejam: o tráfico endógeno, que é aquele em que o traficante cresce na comunidade e apesar de sua truculência e sua violência com alguns, estabelece uma relação de apadrinhamento com outros, tais laços sendo estabelecidos pelos processos de socialização da infância somados ao silêncio e a aceitação de suas ações na Vila, e a repulsa que essas comunidades vêm adquirindo do poder público, devido a ações constantes de violações de seus direitos pelo aparato policial ou da ausência de serviços básicos. A outra forma é a exógena, quando um traficante extermina outro, tomando sua boca e se mantendo nela unicamente pela truculência de suas ações e pela violência. Nesse caso não há aceitação nem mínima, mas mesmo assim ele se mantém, oprimindo, expulsando ou exterminando quem se coloca contra ele.

Pintando pela lente das mídias : um outro olhar? ou o mesmo olhar de sempre?

A estetização midiática, compreendida dentro da lógica de construção de “essências” e “verdades” para a vida em sociedade, é uma representação formulada por um *ethos*, onde a dicotomia e a verdade, não uma verdade qualquer, mas a verdade de um grupo com possibilidades de impor **sua** visão de mundo como **A** visão do mundo acaba por prevalecer. Isso quer dizer que para se comunicar com maior abrangência, incluindo mesmo uma via de acesso às periferias do mundo econômico, o jogo social hegemônico engendra uma apropriação dos valores destas, projetando uma realidade virtual, na qual todos têm, em tese, espaço de manifestação, de direitos e de possibilidades, mas onde, na verdade, somente alguns eleitos conseguem proveito.

Essa realidade é cunhada dentro de um contexto de relações sociais fragmentadas, em que um determinado grupo social, com poucas oportunidades institucionais de construções subjetivas. Nesse contexto específico, os jovens que traficam drogas têm sido vítimas de um discurso criminalizante oferecido pela mídia, que ora os coloca como únicos vilões de um processo complexo de violências, ora os envia em tempo real e ininterruptamente

interpelações imagéticas de consumo. Estes jovens, por sua vez, ora aceitam esses rótulos, ora os renegam. Nesse sentido:

pela produção e circulação de signos, imagens, subjetividades, "pelo recalçamento e negação de certas realidades", pela sugestão e, portanto, pela criação de um real, de realidades - que passam a ser as que existem objetivamente - os meios de comunicação de massa "simula(m) padrões consensuais de conduta", produzem poderosas e eficientes formas de ser e de estar no mundo; forjam existências, vidas, bandidos, mocinhos, heróis e vilões. (COIMBRA apud SODRÉ, 2001, p. 6).

Ainda dentro dessa perspectiva dicotômica, o próprio Sodré (2003), nos diz que a mídia vive de um discurso que simula outras realidades, como se construísse uma visão desfocada de realidades, elencando para essa caricaturização os pontos que lhe interessam na imposição de cenários de realidade, repetindo essas imagens e discursos cotidianamente, de formas semelhantes ou pouco diferentes. Para o autor essas representações nem de representações de fatos históricos se tratam, mas de discursos que representam os próprios discursos.

Quando ligamos essa realidade ao processo de propagação de discursos e imagens de violências, tendo no jovem, como principal protagonista desse processo, de fato tal ação contribui para aumentar ainda mais essa festa identitária que faz com que percam cada vez mais seus ancoramentos, pois tudo agora é fluido, a mídia passa nesse sentido, a apresentar apontamentos como sendo únicos ancoramentos possíveis, e massificando esses ancoramentos, assim como nas tribos de Maffesoli (1998), por si só midiáticas. A tribalização não nos parece indício de qualquer transformação para além do capitalismo. O leitor de jornal, ou mesmo o espectador das novelas, pode vestir uma roupa de liberal durante o dia e envergar a farda fascista à noite, ao assistir ao jornal local e desejar a morte de alguém que cometeu um crime, ou mesmo concordar com a defesa da pena de morte feita pelo jornalista do jornal de meio dia ou da noite, e isso não trará qualquer novidade em relação ao que temos hoje.

A potencialização deste antagonismo é incentivada por uma elite política e econômica que, além de sentir-se atemorizada, necessita obscurecer suas responsabilidades e vinculações históricas com a crise social do País e o conseqüente aumento da violência. Aproveitando-se de fatos concretos como o aumento do número de atos infracionais cometidos por adolescentes, esses setores adaptam seus interesses particulares de forma a apresentá-los como legítimos, universais e preconizadores do bem-estar e segurança pública.

Assim, como pensado por Muniz Sodré (2002), perceber que a sociedade contemporânea (dita pós-industrial) rege-se também pela midiaticização, pela tendência à “virtualização”, a telerrealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta ainda para o autor a midiaticização pode ser considerada uma das palavras-chave para o entendimento das relações humanas na sociedade contemporânea. Entendida dessa perspectiva, a midiaticização se apresenta como

[...] uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação - a que poderíamos chamar de “tecnointeração” – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada médium. Trata-se de dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação é técnica e industrialmente redefinido pela informação, isto é, por um regime posto quase que exclusivamente a serviço da lei estrutural do valor, o capital, e que constitui propriamente uma nova tecnologia societal (e não uma neutra “tecnologia da inteligência”) empenhada num tipo de hegemonia ético-política (SODRÉ, 2002, p.21).

Nesse sentido, Sodré (1992, p. 43) afirma serem hoje a imprensa escrita e a radiodifusão setores extremamente “familiares”, pois “[...] nove clãs controlam mais de 90% de toda a comunicação social brasileira. Trata-se de jornais, revistas, rádios, redes de televisão, com mais de 90% de circulação, audiência e produção de informações [...] controlados pelo estamento dominante”.

Coimbra (2001, p. 5), corroborando com Sodré, nos mostra como esse monopólio semiológico influencia, incentiva e tem como proposta direcionar, na constituição de subjetividade nos dizendo que

Além de produzir certos modos de existência e de vida, de estar nas mãos de uns poucos, a mídia funciona organizando diversos e diferentes fluxos de acontecimentos; pela via do espetáculo, das formas dramáticas e sensacionalistas produz identidades, simpatias, prós e contras. À medida, portanto, que organiza os múltiplos fluxos de acontecimentos, a mídia *hierarquiza* os temas, selecionando os que deverão ser do conhecimento público e, daí, os que deverão necessariamente ser discutidos, debatidos, pensados.

Nesse contexto, a mídia com a intencionalidade de dar voz a sentimentos de medo e desespero, noticiados e massificados todos os dias, também apontam as opiniões surgidas nas

enquetes realizadas cotidianamente, as quais apontam a violência e o desemprego como seus principais motivadores, sendo responsáveis, inclusive, por determinadas mudanças de comportamento. A repetição diária de acontecimentos trágicos – crimes, corrupção, balas perdidas, demissões em massa, sucateamento da rede pública de ensino e saúde – abate-se sobre um povo historicamente tipificado como alegre e otimista, promovendo uma penosa redução de suas perspectivas de um futuro melhor, fazendo-os descrentes de quase tudo. Com a divulgação massiva de violências temos o cultivo exacerbado da cultura do medo, servindo de sustentação a proliferação de uma percepção na qual o mal deve ser extirpado a qualquer custo. O Estado se propõe a resolver esse medo e trazer paz social ganha aval para suas ações, muitas delas inconseqüentes e violentas.

Na interlocução estabelecida com a sociedade, termos como violência, terror e medo são muito utilizados na retórica da mídia sensacionalista brasileira. Todos os dias há algum acontecimento posto nesse enquadramento semântico que identifica a relação da sociedade com o crime, como uma guerra a ser enfrentada o mais rápido possível, ou seja, o inimigo precisa ser vencido. O crime é o dos pobres, que são também o inimigo a vencer diga-se bem. É em relação à violência por eles praticada, que a sociedade encontra-se **refém da violência**, aterrorizada, afrontada. Uma situação emblemática que justifica o uso de expressões dessa natureza é o fato dos pequenos comércios das periferias de Teresina agora, estarem gradeados (fechados), estimulando o discurso de prisão dos moradores e comerciantes por essa situação de medo difundido, clamando por justiça, mas não uma justiça qualquer, e sim aquela que se torne visível, difundível e exemplar.

As maiores vítimas da violência, principalmente os negros e pobres das periferias das cidades, são geralmente acusadas nos discursos dos jornais como causadoras da violência, se não como únicos causadores. Essas vítimas-vilãs foram historicamente apartadas de qualquer participação ou mesmo vivências nas instancias que proporcionam a cidadania e, como se isso não fosse suficiente, são estigmatizadas, perseguidas e violentadas pelas autoridades policiais. O Estado lhes deu as costas e quando se voltou foi para acusá-las pela própria condição de desvalidas e, por conta disso, reprimi-las e castigá-las.

O que fica evidente nessa lógica do discurso midiático de periculosidade, violência e marginalização difundida entre os jovens pelos canais televisivos e escritos, é que esses discursos, ora são absorvidos pelos jovens enquanto instrumentos utilizados para amedrontar seus rivais de outras comunidades frente as possibilidades de enfrentamentos, ora são

renegadas por esses jovens em suas comunidades enquanto elementos que os distancia de alguns segmentos nas comunidades, ora são usados pelas policias e pelo estado para justificar suas ações de violências sobre esses jovens.

Vemos nesse sentido uma ação espetáculo, ou seja, aquela que tem unicamente como fundamento chamar a atenção, ou melhor, desviar a atenção do problema. Ao invés do enfrentamento, o discurso vazio de sua resolução, apresentando muitas vezes o problema como sendo outro, muitas vezes distantes do próprio problema gerador dos fatos. O que a mídia propõe e reproduz de fato é o combate ao pequeno traficante e não ao tráfico de drogas como estratégia comercial. A mídia, atendendo aos imperativos da cultura do medo, que se tornou uma marca da sociedade contemporânea, personifica/personaliza a questão, em outras palavras, enxerga prioritariamente no tráfico de drogas a ação individual dos traficantes. Se há tráfico é porque há traficantes. Destarte, por esse foco, a violência deve ser discutida levando em consideração os pequenos traficantes como figuras centrais. Esses devem ser combatidos, pois o crescimento do poder dos mesmos põe em suposto risco, além dos pilares da sociedade democrática, o estado de Direito em si.

A utilização do termo violência se constrói a partir de uma cultura do medo que abarca toda a sociedade e que é alimentada pela mídia enquanto instituição, pela subjetividade dos jornalistas e pelas falas de diversos atores políticos e, ainda pelo interesse econômico empresarial dos conglomerados de mídia. Isso se caracteriza no dia-a-dia nos diversos telejornais, mas principalmente nos programas e cronistas policiais, de onde, do íterim de seus discursos e da massificação de imagens bem preparadas e em consecução com seus discursos inflamados e de aparente defesa da sociedade, guardam um claro retorno a lógica eugenista dos séculos passados que nunca nos abandonou. A idéia de “limpeza” perambula pelo imaginário da mídia, dos gestores públicos e, em consonância, também pelas políticas publicas e pelas praticas sociais de uma forma mais ampla, dentro do que Foucault (2000), em seu livro em defesa da sociedade, vai chamar de fascismo de Estado⁴.

¹³ Dividindo a sociedade em sociedade dos bons e sociedade dos maus, uma dicotomia maniqueísta, mas infelizmente utilizada para simplificar a realidade, para segregar e justificar a violência como um grupo social específico, que não só é acusado de ser o inimigo, mas assim é tratado.

Estes jovens estigmatizados como “marginais”, devido, ao fim, pela sua condição econômica e social, têm um caminho praticamente definido dentro da sociedade, e delineado, apoiado pelo Estado. Assim, cumprem aquilo que Soares (2006), em seu livro Cabeça de Porco, vai chamar de a profecia que se auto cumpre, ou seja, caindo numa rotina de desamparo, humilhações e necessidade de sobrevivência que muitas vezes os empurra para o caminho do ato infracional. O Estado, ao invés de garantir suas condições mínimas de desenvolvimento, de fuga dessa estrutura de violências, oferece-lhes o tratamento de marginais adultos, que de delegacia em delegacia, de medida socioeducativa em medida socioeducativa, terminam nas mãos dos policiais, justiceiros e psicopatas, prontos a fazer justiça por conta e risco, apoiados por toda uma sociedade movida pelo pavor que esses jovens lhes oferece.

Pelas lentes constroe-se o estigma, ou seja- a identidade as avessas

Estes jovens estigmatizados como “marginais”, devido, ao fim, pela sua condição econômica e social, têm um caminho praticamente definido dentro da sociedade, e delineado, apoiado pelo Estado. Assim, cumprem aquilo que Soares (2006), em seu livro Cabeça de Porco, vai chamar de a profecia que se auto cumpre, ou seja, caindo numa rotina de desamparo, humilhações e necessidade de sobrevivência que muitas vezes os empurra para o caminho do ato infracional. O Estado, ao invés de garantir suas condições mínimas de desenvolvimento, de fuga dessa estrutura de violências, oferece-lhes o tratamento de marginais adultos, que de delegacia em delegacia, de medida socioeducativa em medida socioeducativa, terminam nas mãos dos policiais, justiceiros e psicopatas, prontos a fazer justiça por conta e risco, apoiados por toda uma sociedade movida pelo pavor que esses jovens lhes oferece.

Com uma identidade extremamente deteriorizada pela imagem do terror que deles se faz cotidianamente nos canais televisivos e jornais impressos de Teresina, e também dos demais estados, esses jovens aparecem para nós, e nos assim os identificamos apenas pelo terror e pelo medo que suas presenças são capazes de produzir em nós, construindo assim uma espécie de cidadania pelo avesso.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____, **Vida para o Consumo**: As transformações das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2008.

CANEVACCI, M. **Culturas extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Tradução Alba Olmi. 1ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COIMBRA, Cecília M.B. & NASCIMENTO, Maria Lívia. **Jovens pobres**: o mito da periculosidade. IN: Fraga, Paulo César Pontes, Lulianelli, Jorge Atílio Silva (org.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro; DP&A, 2003.

_____. **Mídia e Produção de Modos de Existência**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Abril/2001. pg. 1-4. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722001000100002&script=sci_arttext&tlng=es>. Acessado em: 20 abr. 2009.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SILVA, Valéria. Juventude(s): Considerações Teóricas Sobre Materialidades em Transição. IN. **Serviço Social e Contemporaneidade**: Revista do Departamento de Serviço Social/Universidade Federal do Piauí. Ano5, N.5, (2007). Teresina: EDUFPI, 2007; 223p.

SILVA, Valéria. Constituição identitária Juvenil: o excesso como produto/resposta ao não-lugar, à efemeridade e à fluidez. **Política & Sociedade**. Revista de Sociologia Política. Programa de Pós-graduação em Sociologia Política. Florianópolis: UFSC: Cidade Futura. Abril de 2006. Vol. 05. Nº 08. P. 123-157.

SOARES, Luiz Eduardo. **Meu casaco de general**: Quinhentos dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOARES, Luiz Eduardo; BILL, Mv; ATHAYDE, Celso; **CABEÇA DE PORCO**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2005

SODRÉ, M: **Sociedade, mídia e violência**. Rio Grande do Sul: Sulina/Eipucers, 2002.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose** : Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor. 3ª Ed .1994.

ZALUAR, Alba. "Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil". IN: SCHWARCZ, Lilia M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. Contrastes da intimidade contemporânea. Vol. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.